

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
13 e 18 de Julho de 2021  
CINEMA ITALIANO, LADO B

## MISERIA E NOBILTÀ / 1954 Totò Rico e Pobre

*Um filme de Mario Mattoli*

*Argumento:* Ruggero Maccari, a partir da peça epónima (1888) de Eduardo Scarpetta / *Imagem* (35 mm, Ferraniacolor, formato 1x37): Karl Struss / *Cenários:* Alberto Boccianti e Piero Filippone / *Figurinos:* Gala Romanini / *Música:* Pippo Barzizza / *Montagem:* Roberto Cinquini / *Som (mono):* Rocco Mangano / *Interpretação:* Toti (*Felice Sciosciammocca*), Sophia Loren (*Gemma*), Carlo Croccolo (*Luigino, o irmão de Gemma*), Enzo Turco (*Pasquale, o fotógrafo ambulante*), Dolores Palumbo (*Luisella, a "concubina" de Felice*), Valeria Moriconi (*Gianni Cavaliere (Gaetano)*), Franca Faldini (*Nadia, a modista*), Liana Billi (*Concetta, a "legítima mulher" de Felice*), Gianni Cavaliere (*Don Gaetano, o rico cozinheiro, pai de Gemma*), Franco Pastorini (*o marquês Favetti, apaixonado por Gemma*), Franco Melidoni (*Peppeniello, o filho de Felice e Concetta*), Carlo Croccolo (*Luigino, o irmão de Gemma*), Giuseppe Porelli (*Ottavio, dito "Bebé", o pai de Franco*), Valeria Moriconi (*Pupella, a filha de Pasquale*), Franco Sportelli (*o mordomo*) e outros.

*Produção:* Dino de Laurentiis e Carlo Ponti para Excelsa Films (Roma) / *Cópia:* da Cineteca Nazionale (Roma), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 94 minutos / *Estreia mundial:* Turim, 17 de Abril de 1954 / *Estreia em Portugal:* 16 de Fevereiro de 1955 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

Totò é encarnação por excelência do sub-proletário napolitano, embora, por ter sido adotado aos trinta e cinco anos por um marquês, ostentasse pomposos títulos aristocráticos (ao que parece, fez-se adotar unicamente para herdar os títulos...). Num texto famoso, Pier Paolo Pasolini, que convidou Totò para trabalhar em três dos seus melhores e mais belos filmes (**Uccelacci e Uccellini**, **Che Cosa sono le nuvole?** e **La Terra Vista della Luna**) observou: *"Dizem que Totò era príncipe. Uma vez, quando almoçávamos num restaurante, vi-o dar uma gorjeta de dez mil liras ao criado de mesa. Os príncipes não costumam deixar gorjetas desta importância, são bastante sovinas"*. Eduardo Scarpetta (1853-1925), autor da peça que foi adaptada no filme que vamos ver, pode ser visto como um dos ancestrais artísticos de Totò, que tinha vinte e sete anos quando ele faleceu. Considerado o mais importante autor e ator do teatro napolitano da passagem do século XIX para o XX, Scarpetta escreveu dezenas de peças e, numa situação que parece saída de um sainete, ainda foi o pai natural de três célebres e importantes figuras do teatro napolitano e italiano de modo geral, frutos de uma ligação com uma sobrinha da sua mulher: Eduardo, Peppino e Titina de Filippo, o segundo dos quais colaborou diversas vezes com Totò.

Escrita em 1888, **Miseria e Nobiltà** é uma das peças mais conhecidas de Scarpetta e fora adaptada duas vezes ao cinema antes desta versão com Totò: em 1914 por Enrico Guazzoni (autor de um dos grandes clássicos do cinema mudo italiano, a versão de 1913 de **Quo Vadis?**) e em 1940 por Corrado d'Erico. A versão com Totò, que representara a peça em palco em 1929, feita quando ele estava no auge da popularidade (nada menos de dezassete filmes entre 1953 e 1955) e era sistematicamente desancado pela crítica, é o segundo painel da sua chamada *trilogia scarpettiana*, numa homenagem ao autor que ele muito admirava e de quem quis fixar alguns textos em película: **Un Turco Napolitano** (1953), **Miseria e Nobiltà** e **I Medico dei Pazzi** (ambos de 1954), todos realizados pelo veterano Mario Mattoli, um dos seus colaboradores mais fiéis neste período. Em todos o personagem de Totò tem o mesmo

nome, Felice Sciosciamocca, criatura, explicam os entendidos, inventada por Scarpetta numa peça de 1870 e cujo nome, que significa literalmente *de boca aberta*, designa uma pessoa tão ingénuo que chega às raias da burrice. No entanto, o personagem nada tem de ingénuo, antes pelo contrário e o seu nome foi certamente escolhido por ironia.

De modo a sublinhar a homenagem a um importante autor teatral, o filme começa num teatro, onde alguns espectadores se instalam numa frisa. Mas não voltamos a ver o teatro antes do desenlace e embora os cenários exteriores sejam de cartão pintado, deliberadamente teatrais, não há nenhuma ambição de estabelecer um jogo entre o teatro e o cinema, só vemos os atores num palco no plano final, quando eles vêm agradecer os aplausos, que talvez tenham acolhido o próprio filme nas salas italianas à época. O péssimo hábito do cinema italiano de fazer intervalos nas sessões de cinema (todas as cópias indicavam *fim da primeira parte e segunda parte*, como se pode constatar nesta cópia digital que, felizmente, não abole por completo a textura original da imagem) influenciou a organização do filme, que é realmente organizado em duas partes (a que se passa entre aqueles que vivem na miséria e a que se passa com os mesmos, entre os ricos) e não em três atos. Mas embora o artifício de inserir uma peça no filme, com a possibilidade de explorar diferentes graus de representação, não seja levado muito longe, estamos diante de uma autêntica *troupe*, com personagens que assumem permanentemente atitudes de palco, como se estivessem a representar a si mesmos. Além disso, todos enganam o próximo (o casal que ser fotografado, o senhorio, o analfabeto que dita uma carta e, evidentemente, o cozinheiro que enriqueceu porque herdou os bens do antigo patrão e tem de agir como um senhor *per bene*), o que é uma forma de representar um papel. Perto do desenlace, o personagem de Sophia Loren bate com um objeto no chão, nas três *pancadas de Molière*, que desde o século XVII indica aos espectadores de teatro que a peça vai começar. No mesmo impulso, com o ar de quem se impacienta e quer que a farsa chegue ao fim, ela dirá ao noivo, referindo-se a Luisella, quando esta surge perto do desenlace: “*Olha que atriz*”, como se não fosse o caso de todos. Longe ainda de ser uma estrela e sem os cansativos ares de dama que assumirá mais tarde, Sophia Loren está absolutamente perfeita, por estar integrada ao conjunto de atores, num filme que não tem realmente personagem principal, apesar de Totò estar no centro de tudo. Ele tem uma primeira aparição realmente teatral, de vedeta, no pobre alojamento em que vive com a família: abre-se a cortina que protege o espaço onde ele dorme, como se fosse a de um teatro e lá está Totò, com uma inacreditável peruca preta, um dos muitos adereços caricatos do filme (o mais extraordinário é sem dúvida uma indumentária feminina que consiste num vestido estampado e num gigantesco laço, do mesmo tecido, na cabeça da mulher). Faz-se humor com a miséria e com o tema menos divertido que pode haver, a fome. A memorável sequência em que a família de Felice Sciosciamocca recebe como prévio pagamento do embuste uma enorme quantidade de comida ficou célebre: conseguem manter uma falsa compostura durante alguns instantes, antes de se atirarem às travessas e a imagem de Totò tentando ingurgitar de uma só vez o conteúdo de toda uma travessa de massa é um autêntico *gag*. Na segunda parte da ação o ritmo é desenfreado, o espectador mal pode tomar fôlego e multiplicação de quiproquós e mal-entendidos vai num *crescendo* antes de tudo explodir quando os personagens deixam de representar, quando os pobres ajustam contas e revelam toda a verdade. Todo aquele fingimento foi aparentemente inútil, o jovem aristocrata pode casar-se com a filha do cozinheiro (que o pai dele cobiçava), num filme de conjunto, em que todos os atores são quase tão extraordinários quanto Totò.

Antonio Rodrigues